

OS BENEDICTUS DE ITALIÁPOLIS

Eximindo-nos, citamos a fonte --- São Benedito, o Santo Preto, Brandão, A., Editora Santuário Aparecida SP.

Os responsáveis por essa obra não são preconceituosos, longe de nós qualquer juízo.

Por razões óbvias, ainda que oriundo, pois descendente de escravos italianos, o São Benedito da antiga Igreja Matriz de Italiápolis nunca foi bem visto. Perdeu de longe para o Santo Antonio. E hoje? Hoje não saberíamos dizer.

Se não tão famoso por aqui, o São Benedito o foi na Sicília, e mais, foi o Milagroso Cozinheiro do Mosteiro de Santa Maria de Jesus. Os antecedentes, ainda que santificantes, não abateram a intolerância da Vila pelo Santo Negro.

Ao organizar as piedosas procissões, freqüentes e concorridas, ao se ordenar o desfile de imagens o último lugar sobrava para o coitado do São Benedito. Coisas de Italiápolis.

E assim foi até que o bondoso "il Nero Santo" resolveu dar uma lição no nosso povo realizando um 'miracolo' de encher os olhos --- invariavelmente, no sair da procissão, chovia! Porca miséria!

O fenômeno repetiu-se ano após ano. As orações dos organizadores de nossas festas religiosas, as promessas, as velas queimadas, não obtinham respostas. Foi um braço de ferro entre os italiapolitanos e o negro São Benedito.

--- Caspita! Nem a 'Settimana Santa!', deixou escapar, certa vez, o desolado padre numa roda de marianos.

Veja você como são as coisas. Por ser esse padre um simples terceiro reserva no Ofício, o São Benedito lhe concedeu a graça, o "benefactus" dos humildes, o homem descobriu o segredo das chuvas nas procissões.

--- Senhor, disse o padre reserva ao padre titular, coloquemos a imagem de São Benedito no primeiro andor e estaremos livres do mau tempo.

--- Hum! Não sei não, mas não custa experimentar... Foi 'veramente un miracolo'. O drama 'è finito' e o Santo, abusado, limpava o Céu até mesmo nos meses das águas. Italiápolis teve que engolir o 'Santo Serviçal', um apelido meio camoniano ajeitado pelo Padre Borges.

Um outro milagre, de um outro Benedito, também negro, aconteceu mais recentemente, aí pela década de 40 no século passado. Desse fomos testemunha ocular ou xereta, como queira.

O Sr. Benedito, o Coveiro do Cemitério Municipal, foi demitido a bem do serviço público. Perseguição? Talvez sim, talvez não.

O 'Dito Coveiro', como foi conhecido, era um homem casado (com mulher italiana!), pai de filhos menores e assíduo servidor. Com ele não havia esse negócio de horário ... a morte não tem hora, como ele mesmo gaguejava.

O 'negócio', no entanto, era outro. O Tesoureiro da Prefeitura, o Sr. Francesco Gentile, "que não nascera ontem", começou a desconfiar desses "negozios" suspeitos do Dito, dispensando recolhimentos de taxas e se pôs a vigiá-lo.

A loja do Dito era o próprio Campo Santo e não poderia ser outro. Coisas bobas, nada de criminoso, como a venda de vasos, uma ou outra cruz de bronze, imagens de santos, enfim pequenos aparatos que envaideciam a família do falecido.

A viúva, coitada, pedia e o Dito, condoído, incrementava o túmulo do finado com peças removidas lá de dentro mesmo, afinal o Solidarismo está acima da Justiça.

Esses procedimentos do servidor municipal fugiam da competência da Tesouraria e o Francesco Gentile, um

veterano em assaltos à Prefeitura, uma vítima do “Grande Assalto de 1.924”, deixava passar, fechava os olhos.

Por alguns trocados, dinheiro miúdo, o Dito transformava as “lágrimas de cemitério” em pequenas doses de consolo enriquecendo o nosso folclore.

Contudo, certa ocasião surgiu um negócio maior, um traslado. O trasladar restos mortais requer cuidados burocráticos e o recolhimento de taxas, naturalmente bem mais pesadas.

O Sr. Benedito, o Coveiro, na sua 'simplicidade', resolveu encarar a maracutaia, afinal iria receber 50 mil réis pelo serviço, quase a metade de seu Ordenado.

Sob o pretexto de combater tatus-canastras que invadiam as covas rasas, o Dito trasladou um corpo, no meio da noite, com muito respeito e competência.

Não houve flagrante e as testemunhas residentes naquele cemitério não se manifestaram, nem mesmo no Centro Espírita do Sr. Antonio Rosa. Houve, no entanto, queixa formal. O Tesoureiro Municipal ferrou o Coveiro.

O Delegado de Polícia e dois praças foram ao cemitério e bateram de frente com a cova fresca, terra removida, evidência mais que certa que 'algum tatu' andara por ali.

--- Alguém mexeu nesta cova, Sr. Benedito?

--- Não! Ninguém, Dr. Delegado!

--- Então cave, vamos ver o corpo ...

--- Sim senhor, respondeu o coveiro imaginando enrolar a autoridade.

E foi mais de hora de serviço e nada de restos mortais, nem sequer pedaço de caixão, um osso ou coisa assim. Um traslado bem feito. O que o Dito fazia, fazia no capricho.

Do cemitério direto para a cadeia. O prefeito, um caboclinho casquento, demitiu o servidor por crime de responsabilidade, porém sem culpa formada. Não havia provas.

Encerrando o caso, o Benedito, orientado, escreveu ao Presidente da República, ao Sr. Getúlio Vargas, contando a sua versão. Um mês após, do Rio de Janeiro, uma ordem expressa do Getúlio --- readmissão com ressarcimento.

Neste dia choveu, choveu aplausos. Pela primeira vez Italiápolis aplaudiu o Ditador, ainda que disso não tenha participado o Dr. Marinho Rosa, o advogado do Dito e inimigo ferrenho do getulismo.